



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## **O testemunho midiático e a construção da representação de casal lésbico: a entrevista de Mônica Benício sobre Marielle Franco no Fantástico**

Lívia Alessandra Campos Monteiro (1);

Universidade Federal de Ouro Preto, [liviaacm@gmail.com](mailto:liviaacm@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo se propõe a pensar na representação de casal lésbico formado por Mônica Benício e Marielle Franco construído a partir do testemunho midiático de Mônica em sua entrevista no programa de TV Fantástico no dia 18 de março de 2018, domingo seguinte ao assassinato de sua companheira. Promovemos uma discussão sobre o testemunho (Seligmann-Silva, 2005) como uma tentativa subjetiva de organizar sentido e construir uma narrativa que busca verossimilhança sobre o trauma vivido por Mônica após o assassinato de sua companheira. Discorremos ainda sobre o caráter relacional inerente ao testemunho midiático (Leal e Antunes, 2015), além de sua exploração como uma manifestação pública (SARLO, 2007), a partir da demanda social para escutar Mônica e construir uma representação de Marielle — enquanto a internet estava consumida por fake news que a difamavam — e ainda edificar uma visão de seu relacionamento. Debateremos sobre a representação da mulher lésbica no ambiente midiático, que muitas vezes é explorado apenas como ficção, pautando assim a construção da identidade e representação da mulher lésbica (Navarro-Swain, 2004) e questionando a inserção e ausência de mulheres negras e lésbicas nos espaços sociais (Marcelino, 2011). Concluímos que o testemunho de Mônica Benício no programa Fantástico explora sua dor e subjetividade para satisfazer uma demanda social e que o testemunho midiático na entrevista tenta construir uma representação da identidade lésbica a partir do relacionamento entre Mônica e Marielle, instaurando uma versão verossímil do casal ao explorar suas lembranças como manifestação pública.

Palavras-chave: Mônica Benício, Marielle Franco, representação, lésbica, testemunho midiático.

### **Introdução**

Assim que a notícia da execução de Marielle Franco lotou a mídia nacional, na noite de 14 de março de 2018, todos se voltaram a buscar informações e relatos sobre quem era a vereadora feminista do Rio de Janeiro que foi brutalmente assassinada. Os sujeitos quiseram mais e mais detalhes sobre questões íntimas e profissionais de Marielle, como sua vida na favela, sua militância negra, seu relacionamento homoafetivo, carreira política, relação com movimentos sociais.

Em tempos de rápida viralização de discursos através das mídias e redes sociais, verificamos o rápido compartilhamento de fake news buscando difamar e disseminar ódio contra a vereadora, afirmando por exemplo que Marielle seria envolvida com o tráfico, teria sido casada com Marcinho VP<sup>1</sup>, numa busca por atingir sua moral e deslegitimar seu trabalho, vida pessoal e militância. Ao mesmo tempo, vemos uma

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/noticia/marielle-engravidou-aos-16-foi-casada-com-o-traficante-marcinho-vp-ignorava-as-mortes-de-policiais-nao-e-verdade.ghtml>> Acesso em: 01. Nov 2018.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

tentativa da mídia tradicional de construir a representação de Marielle através da apuração de entrevistas e testemunhos a fim de apresentá-lo para a população brasileira. Esse contexto nos coloca em meio a uma disputa de discursos entre as informações sobre Marielle veiculados na internet e do conteúdo promovido pela mídia tradicional. A pertinência desta pesquisa se dá especificamente por pensar na forma como a mídia construiu, após a morte da vereadora, o discurso sobre Marielle Franco ser uma mulher lésbica. Ainda, ao considerar que estamos propondo uma discussão sobre a maneira como o testemunho midiático é promovido pela mídia tradicional, como uma tentativa de reorganizar um real sobre Marielle após seu assassinato de difícil compreensão e que cria incredulidade.

O objetivo deste artigo é compreender como a construção da representação de casal lésbico formado por Mônica Benício e Marielle Franco é formado a partir do testemunho de Mônica e de um testemunho midiático. Para isso, nosso recorte se concentra na breve entrevista do Fantástico, do dia 18 de março de 2018, domingo seguinte ao assassinato, feita pela jornalista Renata Ceribelli com Mônica Benício, companheira de Marielle Franco. Assim, nesta pesquisa, pretendemos discorrer sobre o testemunho de Mônica considerando-

a sobrevivente do trauma de ter sua companheira assassinada. Este testemunho midiático de Mônica sobre Marielle se tornam aqui o centro da discussão sobre o trauma em si. A TV Globo intermedia aquele que o sofreu como um terceiro que seria capaz de julgar o ocorrido, edificando um sentido sobre o relacionamento das duas mulheres.

Para dar conta dessa discussão, organizo esse artigo a partir de dois eixos. O primeiro se propõe a discorrer sobre o conceito de testemunho como eixo metodológico (Seligmann-Silva, 2005), diferenciando-o e passando pela discussão do testemunho midiático e de seu caráter subjetivo (Leal e Antunes, 2015), da busca pelo assentimento de seu leitor (SARLO, 2007), além de pensar nas implicações da memória no testemunho e nas temporalidades que incidem nele (Hobsbawn, 1998). O segundo eixo prevê uma discussão sobre a construção da representação da mulher lésbica no ambiente midiático, já que este é muitas vezes é explorado apenas como ficção, pautando assim a construção da identidade e representação da mulher lésbica (Navarro-Swain, 2004) e questionando a inserção e ausência de mulheres negras e lésbicas nos espaços sociais (Marcelino, 2011).



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

**Testemunho**

**mediático,**

## **subjetividade e temporalidade**

As discussões e pesquisas da área de filosofia e psicanálise sobre testemunho estão muito ligadas aos conceitos de trauma e rastros. Nessa perspectiva, o conceito de testemunho está tensionado a partir de sua etimologia do latim de *superstes e testis*. Utilizando como objeto para análise do testemunho dos sobreviventes, *testis* está relacionada às experiências de choque e catástrofes — como o Holocausto — quando o sobrevivente é capaz de dizer do que lhe foi pessoalmente vivido e atestado de forma traumática. O segundo sentido etimológico da palavra testemunho, ligado a *testis*, diria de situações em que quem testemunha é como um “terceiro”, que poderia julgar e interpretar um determinado ocorrido em uma busca por justiça ou verdade dos fatos. Quando pensamos nos testemunhos inseridos em um ambiente midiático, ultrapassa-se as ocasiões em que o testemunho tem seu sentido ligado ao *superstes* e dos traumas que seu narrador carrega, mas também nos demanda pensar no *testis*. Alinhando os dois sentidos etimológicos de testemunho, Seligmann-Silva propõe:

(...) sem esquecer *testis* a favor apenas de *superstes*, minha proposta é entender o testemunho na sua complexidade enquanto um misto entre visão, oralidade narrativa e

capacidade de julgar: um elemento complementa o outro, mas eles se relacionam também de modo conflitivo. O testemunho revela a linguagem e a lei como constructos dinâmicos, que carregam a marca de uma passagem constante, necessária e impossível, entre o “real” e o simbólico, entre o “passado” e o “presente”. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 81-82)

Quando pensamos nesses conflitos entre *testis* e *superstes*, damos centralidade aos sujeitos e em suas subjetividades na produção dos diferentes sentidos etimológicos de testemunho. De um lado, contando com a fala daquele que sofreu o trauma e, de um outro, utilizando terceiros que se constituem como olhares exteriores capazes de falar ou julgar um trauma. Propondo uma terceira noção para essa discussão, trazemos para nossa discussão o conceito de testemunho midiático discorrido por Leal e Antunes (2015). Esse tipo de testemunho seria “mundano”, relativo aos modos de agir nas mídias e a um regime de espetatorialidade:

Com isso, o “testemunho midiático” se afasta mais claramente de tradições acerca do testemunho pensadas no âmbito histórico, jurídico, religioso, etc. Não se trata aqui, afinal, do testemunho individual, mas de textos midiáticos semioticamente complexos, planejados e estratégicos, frutos de processos produtivos de organizações, que medeiam interações intersubjetivas em grande escala, e que são marcados fortemente por interesses



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

econômicos, político-ideológicos, relações de anonimato e de regulação específicas. Buscando articular informação e experiência, os textos midiáticos apresentam desafios específicos referentes à sua veracidade e sua confiabilidade, sendo dependentes de parâmetros genéricos, da sua identificação ou não, por parte dos espectadores, com outros textos da mesma qualidade e com as regras e expectativas que os regem.” (LEAL; ANTUNES, 2015, p. 4)

Como uma tentativa de organização do real vivido por si ou por outros, os testemunhos e os testemunhos midiáticos não podem ser desligados de seu caráter subjetivo. Ele não deve ser julgado como real ou falso, mas como ponto de vista, ainda porque o trauma em si parte de algo que seria inenarrável e que mesmo na tentativa de o descrever, jamais captaria a completude da situação traumática. Deve também ser considerada uma subjetividade tanto daquele que testemunha como um terceiro, dentro de uma entrevista, quanto do sujeito que o recebe. Dessa forma, a objetividade e a subjetividade do testemunho deve sempre ser colocada lado a lado, não de forma a questionar sua veracidade, mas tirando deste um caráter de compromisso com o rigor de sua descrição. O testemunho deve ser pensado então como experiência, ao lado das condições subjetivas que lhe dão origem. Conforme atesta anteriormente Seligmann-

Silva, inscreve-se na dinâmica do testemunho a dualidade entre real ou simbólico, assim como o interesse pelo pessoal, que é característico do nosso tempo. De encontro a isso, Sarlo afirma que “vivemos em uma época de forte subjetividade e, nesse sentido, as prerrogativas do testemunho se apoiam na visibilidade que ‘o pessoal’ adquiriu como lugar não simplesmente da intimidade, mas de manifestação pública...” (SARLO, 2007, p. 20-21)

Como manifestação pública, o tanto o testemunho quanto o testemunho midiático surgem como uma demanda própria ou alheia sobre o relato de uma determinada vivência, numa tentativa de dar-lhe visibilidade. Ele surge como uma demanda de externalizar um trauma. Já que ninguém testemunha a si mesmo, a carga intersubjetivo não pode ser destituída do testemunho. Como manifestação pública, o testemunho prevê sempre um interlocutor, de forma a caracterizar o seu caráter relacional. Sempre pensando neste outro e sendo o testemunho destinado a ele, a finalidade do testemunho é ser verossímil. Com isso, os testemunhos buscam atestar uma verdade que não é subjetivamente suficiente, mas que é ainda subjetiva:

(...) o testemunho pede uma consideração em que se misturam os argumentos de sua verdade, suas legítimas pretensões de credibilidade e sua unicidade, sustentada na unicidade do sujeito que o enuncia



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

com a própria voz, pondo-se como garantia presente do que diz, mesmo quando não se trata de um sujeito que suportou situações-limite. (SARLO, 2007, p. 37)

Ao tentar argumentar sua verdade, sustentar sua unicidade e dar garantias do que diz, tanto o testemunho individual quanto o testemunho midiático buscam na relação com o seu interlocutor, confiabilidade e fidelidade. A verossimilhança é o objetivo final do testemunho, pois ele quer se fazer crer. É assim que o testemunho evidencia sua tentativa de organização de sentido sobre o mundo e sobre traumas. Essa tentativa de organização de sentido sobre o trauma pode ser pensado a partir da ética do testemunho, tendo como ponto de partida algo inalcançável e inautêntico, enunciando como um representante sobre aquele que morreu, inscrevendo-o em seu dizer. A ética do testemunho quer “reverter a proposição da representação: não sou eu quem fala no lugar dele, mas é ele quem fala no meu lugar, já que é apenas enquanto fala por aquele que não está aqui que o testemunho pode existir”. (PENNA, 2006, p. 156). A inserção do testemunho no âmbito da representação nos faz abrir um conflito, já que há uma não linearidade no testemunho, e como fala por aquele que não está aqui, o testemunho precisa utilizar a memória como ferramenta.

O testemunho deve ser pensado como essência da memória, e a memória deve ser pensada como essência do testemunho. A vida se daria então pelo ato narrativo, como memória. Já o testemunho midiático, parte de um outro princípio:

O testemunho, como gesto de memória, é um traço da catástrofe que ocorrerá, um vestígio da destruição e não sua mera representação. O texto midiático testemunhal, por sua vez, lida com problemas de representação da realidade, mas opera segundo novos regimes de temporalidade. Uma de suas especificidades residiria numa espécie de rotinização do testemunho, que esvazia sua condição de arquétipo de uma ação política moral – não procura provocar identificação e empatia, ou solidariedade e ação, como em diferentes regimes do testemunho – e embebe-se de uma racionalidade que reivindica, no mesmo movimento, familiarização, distanciamento e, em especial, o estabelecimento de um presente precário do testemunho. (LEAL; ANTUNES; 2015, p. 9-10)

O testemunho na perspectiva da memória deve ser considerado uma das essências que moldam o presente e, assim, questionamos o papel que o testemunho ganha na contemporaneidade. Se o testemunho é modalidade de relação com acontecimentos do nosso tempo e se a catástrofe faz da contemporaneidade a era do testemunho (SELIGMANN-SILVA, 2000) devemos pensar na dimensão temporal



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

inserida no testemunho, nos ajudando a entender as condições sobre as quais o testemunho é narrado. Como revelação do que é marcante na vida social, é essa memória que reforma o passado. Quando Hobsbawn (1998) se propõe a pensar o passado, presente e futuro na produção da história, o autor discorre sobre os “sentidos do passado”:

(...) o passado continua a ser a ferramenta analítica mais útil para lidar com a mudança constante, mas em uma nova forma. Ele se converte na descoberta da história como um processo de mudança direcional, de desenvolvimento ou evolução. A mudança se torna, portanto, sua própria legitimação, mas com isso ela se ancora em um “sentido do passado” transformado. (...) Em suma, o que agora legitima o presente e o explica não é o passado como um conjunto de pontos de referência (por exemplo, a Magna Carta), ou mesmo como duração (por exemplo, a era das instituições parlamentares), mas o passado como um processo de tornar-se presente. (HOBSBAWN, 1998, p. 30)

Exatamente devido a esse processo de tornar-se presente, podemos pensar que testemunhos midiáticos são sempre marcados por tocar um passado e criam uma expectativa e projeção de futuro. Entendemos aí como o testemunho não se contenta em relatar um passado, mas sim criar um novo ver sobre ele que afete a forma como o presente é tratado. “Tomar o ‘testemunho midiático como uma ‘figura de historicidade’ implica, portanto,

problematizar a ‘ilusão’ referencial e o conhecimento do mundo produzido nas relações midiáticas, tomando-os como lugares de tensão, perpassados por relações temporais diversas.” (LEAL; ANTUNES, 2015, p. 8) Os sentidos do passado são então ligados às referências, experiências e condições da testemunha. Assim, inserimos o passado, presente e futuro como categorias para pensar e interpretar o testemunho midiático.

Ao passo que o testemunho tensiona as categorias temporais em sua busca por visibilidade, pensamos nele como narrativas que são veiculadas e suas implicações na tessitura do cotidiano. Para Lana e França (2008) “narrativas mediáticas disponibilizam sentidos que participam da tessitura do fazer cotidiano. A experiência fragmentada da vida de todo dia é cada vez mais tensionada pelas experiências e acontecimentos do espaço público mediatizado.” (LANA; FRANÇA; 2008, p. 7) Quando pensamos nos testemunhos midiáticos, devemos pensar também em seu poder de afetação, já que estes incidem de forma subjetiva na rotina, ajudam a questionar sobre a experiência do sujeito que as leem. Assim:

A experiência diária é construída em permanente contato com essas narrativas. Nesse processo singular de leitura de tais textos, estão em jogo aspectos coletivos de formatos com que eventos são configurados a partir de modalidades de ações



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero.

levantadas e afetos suscitados. O contato com textos midiáticos disponibiliza e solicita possibilidades do fazer cotidiano. (LANA; FRANÇA, 2008, p. 8)

### A mulher lésbica e sua presença na mídia

Além de pensar na construção do testemunho de Mônica em relação à um trauma vivido, assim como na responsabilidade da emissora ao desenvolver esse testemunho midiático, nos interessa pensar sobre como o fato da entrevista descrever um relacionamento homoafetivo é de relevância para pensarmos nas opacidades e visibilidades das mulheres lésbicas na mídia. Afinal, o assassinato de Marielle Franco não repercute apenas como o caso de uma parlamentar morta, mas necessariamente nos coloca em uma discussão de questões de racismo, de classe, gênero e sexualidade.

Considerando a mídia tradicional como a TV Globo, na qual tanto a ficção quanto o setor jornalístico refletem proeminentemente a sociedade na qual estamos inseridos, devemos lembrar a raridade da exibição de casais homossexuais. Por exemplo, podemos discorrer sobre diversas situações nas quais casais lésbicos foram mal recebidos pelo público nas telenovelas da TV Globo. Como no caso de Babilônica, na qual as personagens de Teresa e Estela, representados pelas respectivamente

pelas atrizes Fernanda Montenegro e Nathália Timberg, tiveram má aceitação pelo público, acarretando adaptações na trama e também uma suavização de cenas sobre o relacionamento. Segundo Pires (2016), no levantamento realizado nos grupos de discussão da novela, apesar de as personagens terem sido bem recebidas, o público não queria ver as atrizes trocando carícias. (PIRES, 2016, p. 15) Com isso, podemos concluir como o próprio público da emissora demanda o apagamento do casal lésbico. E, considerando que a heterossexualidade é a única exibida, isso faz com que ela apareça marcada como algo compulsório (Navarro-Swain, 2004).

Assim, a representação da identidade lésbica é, vezes tratada como ficção, como no caso da novela, e outras vezes inexistente, como em conteúdos e pautas de caráter jornalístico ou mesmo de propaganda da emissora que deem a visibilidade lésbica. Por estar afastada do campo midiático e sua identidade ser posta em xeque, assim, entrevistas como a de Mônica Benício precisam ser contextualizadas para um público que não está acostumado com a aparição destes relacionamentos no campo midiático. Quando Navarro-Swain desenvolve sua discussão sobre o esquecimento e as formas como as lésbicas são vistas, ela nos propõe pensar na forma como:



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero.

O mundo em que vivemos é construído de imagens, não apenas as visíveis, mas igualmente as representacionais carregadas de valores, hierarquias, de posições, de normas nas quais a vida individual se desloca, decodificando, analisando e adequando-se, com maior ou menor pertinência, aos perfis preestabelecidos. (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 69)

Considerando a construção de imagens a partir de perfis preestabelecidos, acessamos uma discussão sobre os estereótipos relacionados ao perfil tradicional de mulher. Indo além da sexualidade, a representação de gênero feminino-masculino carrega imagens pré-concebidas que não são capazes de explorar a complexidade das identidades individuais e se misturam com as representações sobre sexualidade.

Navarro-Swain nos questiona o que seria então uma mulher, ou o que seria o feminino, propondo-nos que os estereótipos não apenas físicos, mas também psicossociais que ignoram as diferenças entre as mulheres (NAVARRO-SWAIN, 2004). Retomamos como a construção social, muitas vezes perpassada pela construção midiática, determina corpos a partir de sua imagem e identifica a partir destes papéis preconcebidos aos sujeitos. Assim, será importante em nossa análise discutir sobre como o perfil tanto de Mônica quanto o de Marielle é rompido na entrevista da TV Globo do estereótipo

preestabelecido, mas, afinal, Navarro-Swain (2004) nos propõe pensar na exclusão dessas construções sociais:

O que é afinal uma mulher, o que é uma lésbica? Mas definir uma identidade é criar ao mesmo tempo um campo de exclusão, uma dimensão de verdade: à verdadeira mulher corresponderia a verdadeira lésbica. De que direito uma imagem disporia ao tornar-se mais verdadeira que outra? De que representações, que caminhos de poder são assim traçados? (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 90)

Nesse sentido, Navarro-Swain (2004) pretende romper com a ideia de que a identidade de sujeitos possa ser definida a partir de suas práticas sexuais, já que apenas essa questão não poderia ser capaz de definir ou explicar a identidade de um sujeito. Seu argumento “é que o lesbianismo não pode constituir uma identidade, já que esta denominação não é senão um conjunto de questões, de práticas diluídas no questionamento das categorias mulher e gênero.” (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 91).

Dentro deste conjunto de questões que acionamos quando pensamos na categoria de mulher, precisamos considerar o fato de Marielle e Mônica constituírem-se como um casal composto por mulheres respectivamente negra e branca e nas implicações dessa categoria em sua representação como casal. Assim, nos colocamos no desafio de pensar





**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

como a interseccionalidade entre o fato de ser lésbica e ser negra é um incisivo e constituidor da opressão. Embora este não seja o lugar de fala da autora desta discussão, nos posicionamos diante do desafio de nos apoiar em pesquisas que discutem sobre a identidade da mulher negra e lésbica para pensar na invisibilidade midiática e nos espaços sociais. Seguindo a lógica da Navarro-Swain sobre categorias que constituem a identidade, Marcelino (2011) evidencia a impossibilidade de falar de “mulher negra” num modelo que a globaliza como sujeito. A autora propõe pensa-las como sujeitos identitários e políticos, articulando suas heterogeneidades:

Identificar-se como uma mulher negra lésbica é saber que sua identidade significa o enfrentamento de uma opressão que envolve ao menos dois estigmas: a negritude e a lesbianidade (Oliveira, 2007). Esta autora nos ajuda a perceber que a forma como a homossexualidade é vivenciada tem a ver com o modo como a raça, a religião, o gênero, a cultura, a família, a geração e a estética são experimentadas. (MARCELINO, 2011, p. 65)

Essa opressão enfrentada pela mulher negra quando se posiciona como homossexual coloca-a perante uma interseccionalidade em que ambas as características identitárias trazem, segundo Marcelino, um peso social que determina posições e dinâmicas de preconceitos e discriminações

(MARCELINO, 2011). A exibição e exposição do casal Mônica e Marielle na TV Globo, daria então visibilidade ao casal lésbico e negro, constituindo sua representação neste espaço social tão concorrido que é a televisão nos permite pensar que:

Quebrar esse silêncio no universo das mulheres, das negras, das lésbicas e congregar num só sujeito seu gênero, sua cor e sua orientação sexual implicada em estigmas e preconceitos, foram e são desafios diários de todas nós mulheres constituintes deste mosaico de diversidade e complexidade que somos. (MARCELINO, 2011, p. 126)

### **Resultados e Discussão: O testemunho midiático de Mônica no Fantástico sobre o assassinato de Marielle Franco**

Quando o Fantástico apresenta no dia 18 de março de 2018 uma entrevista com a Mônica Benício, arquiteta companheira de Marielle Franco, o programa age sobre o testemunho a partir de sua noção como *testis*, um terceiro que seria capaz de interpretar, traduzir e relatar a experiência da família de Marielle com o trauma. Já Mônica, ao dar seu testemunho, funciona como *superstis*, como aquele que viveu o inenarrável através do trauma vivenciado ao perder sua esposa tão recentemente, o que ela busca também de forma subjetiva descrever e apresentar ao



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

programa. Assim, constrói-se o testemunho midiático que se desafia a criar uma representação do casal de ambas, expressando o sentimento da família de Marielle de forma subjetiva, já que não é capaz de absorver o seu real.

Transformando sua dor em manifestação pública, pensamos no caráter relacional previsto no testemunho midiático. O relato de Mônica é exibido como uma demanda de um público espectador que pensa sobre a situação de Mônica após o assassinato de sua esposa, que quer saber como o seu trauma está sendo externalizado, que quer entendê-las, conhecê-las. O público ainda tem uma demanda até mesmo da existência delas como casal lésbico e ainda sobre sua identidade, já que logo após o assassinato, fake News sobre Marielle a vincularam a milícia, associando-a a traficantes. A fala de Mônica permite que a TV Globo edifique uma representação do casal constituído pelas duas, numa busca por resgatar a memória de Marielle e apresentá-la a um público que a desconhecia até o assassinato.

Na abertura da entrevista, os apresentadores do programa identificam Mônica como companheira de Marielle, falando inclusive dos planos de casamento do casal, que já tinha data marcada. Damos destaque, contudo, na forma como Mônica é identificada em oposição a família de

Marielle, já que os apresentadores falam que: “Em entrevista exclusiva à repórter Renata Ceribelli a família de Marielle reagiu com indignação aos ataques contra a memória da vereadora. O Fantástico também conversou com a Mônica, companheira de Marielle”. (TV GLOBO, 2018).

Parece-nos relevante o trecho que a repórter justifica o desejo de Mônica ser entrevistada, quando diz “Monica fez questão de falar, de contar sua história com Marielle” (TV GLOBO, 2018). Vemos assim a busca pela visibilidade e pelo ato de contar a história do relacionamento entre as duas, sobre o qual Mônica explica quando se conheceram, há quanto tempo moravam juntas, como foram organizando e decorando a casa onde viviam juntas até o assassinato. Também, é nesse momento que podemos identificar claramente que o fato de Mônica ser apresentada como companheira de Marielle diz de um relacionamento amoroso. A repórter fala “a história de amor de vocês”, novamente de forma a reiterar que as duas são um casal. As imagens da entrevista são intercaladas com fotos do casal, nos quais Mônica e Marielle estão sempre juntas, mas em cenas que não exibem beijos, mãos dadas ou outras exhibições de afeto que remeteriam a composição de um casal.

A interseccionalidade do casal e principalmente da identidade de Marielle



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

como uma mulher negra e lésbica não é diretamente discorrida na entrevista, a não ser através das imagens que exibem sua cor de pele. Assim, é destituído em toda a entrevista a potência de sua identidade tanto para a constituição da representação e identidade de Marielle, tanto para seu posicionamento como mulher negra e lésbica. O apagamento sutil pode ser questionado tanto como uma tentativa de naturalizar sua identidade, quanto como um apagamento que reflete as opressões raciais que evitam na televisão dar sentido a discriminação e preconceito carregado pela cor de pele.

Ao utilizar a imagem de Mônica e não cortar os momentos de choro dentro de sua entrevista, vemos o caráter subjetivo do testemunho midiático, que é, como fala Leal e Antunes (2015), complexo, planejado, estratégico. Ao manter tais trechos emocionados da entrevista, verificamos a tentativa de dar maior credibilidade ao sofrimento traumático testemunhado por Mônica. Relatar que a entrevista foi interrompida em vários momentos devido ao choro de Mônica tem caráter definidor ao testemunho. A narrativa do Fantástico, ao colocar em sua tela o choro e o sofrimento de Mônica, busca garantir visibilidade a sua fala.

A memória como essência para o testemunho é intrínseca ao relato de Mônica. Ao falar sobre sua casa, sobre Marielle, sobre

a relação das duas, como a possibilidade de falar de Marielle a partir de uma ética do testemunho, prevendo a ênfase inalcançável desse relato. Os momentos de choro dizem do testemunho de Mônica, mas dizem também de Marielle, que não está mais ali para falar. Podemos considerar como a ambientação da casa, em um ato que apresenta o espaço em que o casal vivia, é de extrema importância para a contextualização aos telespectadores sobre como se dava a constituição do casal lésbico. Proponho pensar como a exibição de uma casa comum possa remeter também a um relacionamento semelhante aos heterossexuais, de forma a tentar reduzir os estigmas sobre o relacionamento homoafetivo.

Como tentativa de organização de sentido, essa era do testemunho midiático busca reestruturar o passado de Mônica com Marielle, sua companheira. O último contato do casal, como é relatado por Mônica, é explicitado na entrevista exatamente prevendo a relação entre o passado do casal e o que viria a ser um presente. Assim, o testemunho midiático implica na tessitura do cotidiano como uma resposta pela demanda do espectador sobre o testemunho de Mônica, sobre a história de Marielle e sobre a representação do casal. Ao explorar na televisão a experiência das duas, o Fantástico disponibiliza aos seus espectadores



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

possibilidades de experienciar, opinar, acreditar e entender na história não desse assassinato, mas da vida que se encerrou e do relacionamento entre as duas mulheres.

### Conclusões

A partir das discussões teóricas propostas a respeito da noção de testemunho midiático, fomos capazes de discorrer brevemente sobre a noção de testemunho midiático com seu caráter subjetivo e de busca pelo assentimento de seu leitor, e na forma como este constitui uma representação de casal lésbico. Ao pensar na temporalidade que incide ao testemunho, podemos discorrer sobre como este faz parte da tessitura do cotidiano, desenvolvendo a narrativa da representação do que seria o casal composto por Mônica e Marielle, sobre sua vida íntima e profissional.

Conforme propôs Seligmann-Silva, não podemos separar o testemunho de suas etimológicas *testis* e *superstes*, nos fazendo pensar então que o testemunho midiático do Fantástico depende então do outro testemunho, de Mônica, sendo inevitavelmente subjetivo, pautado sobre a experiência da esposa de Marielle Franco, embora haja nas ferramentas do jornalismo a busca pelo real na sua dimensão concreta. Destacamos sobre como o testemunho busca

constituir para o telespectador uma representação da vida coletiva do casal, seja através das imagens da casa, das fotos exibidas ou do que Mônica relata sobre os 12 anos de relação entre as duas. Mais do que contar a história de Marielle, o testemunho de Mônica permite exibir uma representação da existência de ambas como um casal lésbico, dando visibilidade ao relacionamento de forma superficial, que deixa claro que elas eram um casal embora não aprofunde nesta relação de forma a não gerar um estranhamento do seu telespectador. Na mesma forma, a questão racial é apenas ilustrada pelas imagens de Marielle, sendo mantida a opacidade da mulher negra e lésbica, refletindo o posicionamento da TV em não dar destaque a identidade da mulher que motiva a existência de toda essa matéria.

O testemunho de Mônica faz parte da tessitura do cotidiano a ponto que mostra como categoria representativa para interpretação da vida e assassinato de Marielle, assim como aqueles que ela deixou e do relacionamento homoafetivo dela com Mônica. Ao pensar no testemunho midiático e como ele implica numa idéia de real, ou de construção, devemos nos ater ao inalcançável inerente ao testemunho, apesar de toda a contextualização feita na entrevista. Somos então capazes de ver como a potência do testemunho nos ajuda a pensar em realidade



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

que não é apenas, primordialmente, realidade de ruptura e traumática, mas realidade por si só catastrófica. A dimensão temporal do testemunho midiático carrega do que passou, está passando, testemunhando algo que não deveria ser falado pois nem ao menos deveria existir. Em sua tessitura do cotidiano, o testemunho midiático projeta futuro para a sociedade, para que casos de violência como esses não se repitam.

### Agradecimentos

Agradeço a Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, a Pró-reitoria de Pesquisa e pós-graduação - PROPP e a Capes pela oportunidade e auxílio para a participação no evento.

### Referências Bibliográficas

HOBBSAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 22-48

LANA, Lígia; FRANÇA, Renné. **Do cotidiano ao acontecimento, do acontecimento ao cotidiano**. In: E-Compós, Revista da Associação Brasileira dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v. 11, n. 3, set/dez 2008, p. 1-13.

LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton. **O testemunho midiático como figura de historicidade: implicações teórico metodológicas**. Compós 2015, Brasília. Disponível em [http://www.compos.org.br/biblioteca/www.compos.org.br/template\\_template2\\_2887.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/www.compos.org.br/template_template2_2887.pdf) Acesso em: 12 jul. 2018

MARCELINO, Sandra Regina de Souza. **Mulher negra lésbica**: a fala rompeu o seu contrato e não cabe mais espaço para o silêncio. 2011. 154f. Dissertação (mestrado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PENNA, João Camilo. **Sobre viver no lugar de quem falamos (Giorgio Agamben e Primo Levi)**. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio(org). Palavra e imagem: memória e escritura. Chapecó: Argos, 2006. P. 127-184.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 09-44

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A história como trauma**. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs). Catástrofe e representação. São Paulo: Escuta, 2000, p. 73-98

\_\_\_\_\_. **Testemunho e a política da memória**: o tempo depois das catástrofes. Projeto História, nº 30, jun 2005, p. 71-98.

PIRES, Beatriz Arcoverde Bezerra. **Questionando padrões**: uma análise das representações lésbicas e idosas da novela Babilônia. 2016. 98f. Monografia (graduação em Comunicação Social). – Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

TV Globo. Fantástico. 18 mar. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6589460/> Acesso em 10. jul 2018.